

## **O papel da brincadeira na Recuperação Hospitalar Infantil**

**Texto final produzido pelas acadêmicas :**

**Alcionira Vargas Nedochoetko, Dione Regina da Silva Andrade, Juliana da Matta Ribeiro e Sabrina Reichert Coelho**

**(7ª fase - Curso de Pedagogia - Educação Infantil - 1º semestre de 2001)**

### **INTRODUÇÃO**

#### **Caracterização da Sala de Recreação de um hospital público**

O estar doente, aliado ao processo de hospitalização, alteram as condições gerais de qualquer ser humano, agravando-se ainda mais em se tratando de uma criança. Esta, ao ser internada, sofre diversas privações como a separação da família, as limitações físicas da própria doença o que atinge também, a maior característica do período da infância, a capacidade de brincar.

A criança internada precisa se adaptar a um ambiente desconhecido e, muitas vezes hostil, repleto de situações novas e ameaçadoras. Ela precisa adequar-se à rotina da enfermaria e aos seus horários, como toda uma série de atividades que, muitas vezes, nunca estiveram no seu dia a dia. Vivenciam situações de dor e desconforto decorrentes da doença e dos procedimentos necessários na hospitalização. Essas situações, muitas vezes invasivas, mobilizam sentimentos de angústia, ansiedade e medo.

É de grande valia a existência de um espaço destinado à recreação dentro de uma Unidade de Internação Infantil, devido à importância da brincadeira no processo de recuperação das crianças, afirmam os profissionais que atuam neste espaço. Por meio da brincadeira, considera-se que as crianças podem exprimir, seus medos e angústias em relação à doença, ao tratamento sobre a rotina do hospital e de alguns procedimentos nos quais elas têm que se submeter. Esta expressão de seus sentimentos pode auxiliar no seu próprio tratamento, além de possibilitar mais segurança e conforto às crianças internadas.

Este espaço para recreação, dentro do hospital, pode ser útil para observação dos relacionamentos da criança com outros sujeitos, principalmente com seus acompanhantes.

Esta relação, é de fundamental importância na formação do diagnóstico da doença, pois muitas vezes é de um relacionamento "inadequado", entre a criança e sua família que nasce a doença. A observação desse vínculo, não é tão simples e a equipe dentro da sala de recreação poderia estar atenta continuamente a esta questão. Crianças que são vítimas de maus tratos, por exemplo, somatizam uma série de patologias, as quais são difíceis de diagnosticar sem observar a criança em momentos mais espontâneos de interação.

Neste espaço um momento de descontração, também ajuda a diminuir a angústia gerada por todo o processo de hospitalização, tanto na criança como em seu acompanhante. A Sala de Recreação que observamos foi fundada em 1987, mas seu projeto já havia sido planejado dois anos antes pelos profissionais da Psicologia. De lá para cá muitos projetos foram sendo desenvolvidos, algumas dificuldades ocorreram e muitas reflexões foram iniciadas, retomadas e aprofundadas.

Atualmente, o curso de Psicologia da universidade continua coordenando os projetos desta sala. As estudantes (estagiárias) deste curso desenvolvem o projeto atual, interagindo diretamente com as crianças e seus familiares, nos momentos em que elas estão presentes neste espaço da Sala de Recreação. Busca-se proporcionar o desenvolvimento de atividades lúdicas e psicopedagógicas com as crianças internadas e em observação.

## **AS DIFERENTES FACES DA QUESTÃO**

### **As interações das crianças neste espaço**

A partir de algumas observações, percebemos que as crianças que ainda não andam, geralmente brincam no colo de suas mães. Porém, a estagiária, solicita e orienta para que a mãe (ou responsável) as coloque sobre o colchonete. As crianças maiores, utilizam todo o espaço da sala. Assim que chegam, logo se direcionam às prateleiras, ou às caixas com brinquedos. No entanto, é sobre a mesa que montam os quebra-cabeças, os jogos de montar e, também, onde fazem pinturas e desenhos.

Foi difícil perceber os momentos exatos em que iniciavam-se as brincadeiras. As crianças possuem tantas habilidades com os brinquedos, que tivemos a impressão de que a brincadeira tem uma continuidade. Bastando para isso, que ela decida-se pelo brinquedo que irá "utilizar".

As regras para as brincadeiras, parecem estar incorporadas ao brinquedo, pois notamos que são aquelas já postas ou seja, as regras universais que são estabelecidas assim que a criança entra em contato com o brinquedo. Mesmo assim, ainda constatamos um caso em que a criança provocou rupturas, resignificando o objeto. Enquanto brincava com um secador de cabelos, a criança "transformou" este, em um revólver e brincava de atirar em todos nós que estávamos na sala. Produzia, inclusive o som/ruído, típico daquele modelo de arma.

Nestas observações, não percebemos interações entre as crianças-crianças, pois no período observado havia mais bebês, do que crianças maiores, sendo assim, as brincadeiras eram realizadas mais individualmente, ou seja, entre bebês e seus acompanhantes. Vale destacar que as crianças que já manipulavam brinquedos, brincavam livremente sem um direcionamento mais incisivo dos adultos. Desta maneira, verificamos mais a mediação do que a interação.

Existia uma concentração muito grande por parte das crianças ao brincarem. Esta seriedade/concentração, nos possibilitou constatar o quanto a brincadeira estava sendo significativa para elas, fazendo-as, pelo menos naquele momento, esquecerem da dor e da distância de casa, dos amigos e das pessoas mais próximas.

As observações nos possibilitaram ver também que as crianças se apropriavam das mais diversas formas de linguagens, quais sejam, o choro, a linguagem corporal, lúdica, afetiva, entre outras, pois entendemos que a linguagem é toda e qualquer forma de comunicação e manifestação que torna possível a troca de sentimentos, sensações promovendo a interação entre os sujeitos humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, constatamos que há, aparentemente, uma lacuna entre o objetivo dos adultos quando planejam uma sala de recreação para crianças em uma unidade pediátrica. Parece-nos que, para os especialistas, a sala é mais um espaço que auxilia no diagnóstico e na recuperação do paciente-criança. No entanto, para os pequenos, o contato com os brinquedos, abre as portas para um mundo mágico que recoloca as crianças no espaço que acreditamos ser o privilegiado durante a infância – o espaço onde é possível brincar.

Nesta perspectiva, a existência de uma sala de brinquedos em instituições como hospitais e enfermarias pediátricas, onde as crianças possam brincar com os adultos e com outras crianças, aproxima-as do direito fundamental que muitas delas ainda precisam conquistar: o direito de brincar.